

constrói uma trajetória marcada por personagens de forte densidade dramática, tanto no teatro quanto no audiovisual. A possibilidade de explorar a comicidade representa, portanto, mais do que uma mudança de registro: é a chance de levar à televisão uma faceta que, até então, encontra poucas oportunidades de expressão.

“Eu tento ser engraçado com as pessoas que amo e convivo. É algo que estou sempre buscando, então, ter a oportunidade de levar isso para a câmera tem sido muito enriquecedor”, afirma Lelis. A afinidade com o gênero, aliás, não é recente. Uma das poucas experiências essencialmente cômicas de sua carreira nos palcos lhe rende uma indicação ao Prêmio Braskem de Teatro, na categoria Ator Revelação, na Bahia. A lembrança ajuda a dimensionar o significado de Toy neste momento profissional. “É muito significativo estrear na televisão explorando esse lugar e perceber que o Toy tem chegado de uma forma tão bonita às pessoas”, comemora o pisciano.

A comicidade do personagem, no entanto, não se resume às trapalhadas de um homem disposto a tudo para conquistar uma mulher. Rodrigo enxerga em Toy a figura de um apaixonado que se entrega sem reservas, mesmo quando a realidade parece não colaborar com seus planos. O ator de 32 anos o define como “um trabalhador brasileiro, um rapaz latino-americano sem dinheiro no banco”, referência que aproxima a ingenuidade romântica do personagem de uma experiência social bastante reconhecível.

Por trás da mentira que sustenta sua tentativa de impressionar a médica Leandra, há alguém que encontra no amor uma possibilidade de transformação. “Ele chega como uma espécie de alívio cômico, mas também com muita paixão e ingenuidade, e acaba fazendo com que a doutora Leandra ria justamente em um momento muito difícil da vida dela”, explica.

Para construir essa dimensão, Rodrigo recorre a uma referência clássica das artes cênicas: a Commedia dell’Arte, tradição teatral italiana baseada em tipos e máscaras que atravessam os séculos. Entre os arquétipos que orientam sua composição está Pierrot, o apaixonado melancólico que persegue Colombina e vê seu amor atravessado por Arlequim. “Essa referência tem sido muito significativa para mim na construção do personagem”, diz.

Representatividade nordestina

Essa atenção à composição também se manifesta na maneira como o ator percebe as diferentes linguagens por onde passou. Em *Meu nome é Gal*, filme sobre Gal Costa (1945-2022), Rodrigo teve a responsabilidade de interpretar o conterrâneo Caetano Veloso, uma das figuras mais reconhecidas da música brasileira. O trabalho exigiu preparação específica, incluindo canto e violão, e representou uma experiência decisiva em sua aproximação com o cinema.

Globoplay/Divulgação



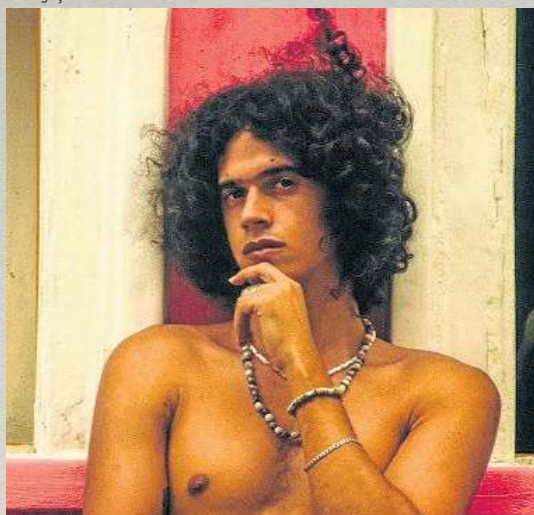
Como o padre Bida em *Guerreiros do Sol*

Manoela Mello/Globo



Toy se tornou um dos grandes hits de *Por você*

Divulgação



A caracterização como Caetano Veloso no filme *Meu nome é Gal* arrancou elogios

“Interpretar o Caetano foi uma grande responsabilidade, principalmente pela dimensão que ele tem no imaginário das pessoas”, recorda o artista. Para enfrentar o desafio, procurou estabelecer uma relação íntima com o artista e mergulhou no processo de preparação. A experiência não se limitou ao exercício de reproduzir gestos ou características reconhecíveis de uma personalidade pública. Ampliou sua percepção sobre as possibilidades expressivas do audiovisual e reforçou sua convicção de que o trabalho artístico pode estabelecer vínculos profundos com quem assiste.

O cinema, que o atraía como linguagem e possibilidade profissional, ganhou ainda mais importância depois do filme. “O processo de inserção no mercado audiovisual, através de *Meu nome é Gal*, transformou completamente minha relação com o cinema. (...) Eu amo o cinema”, afirma. A experiência também lhe permitiu perceber como o estudo e o exercício cotidiano da profissão podem alcançar o público quando tratados como arte. “Sinto-me muito honrado de poder chegar ao público e fazer com que ele se identifique com questões que considero importantes.”

Se o filme lhe apresentou o desafio de dar vida a uma figura real de enorme relevância cultural, *Guerreiros do Sol* trouxe outra espécie de conflito. Na novela do Globoplay, Rodrigo interpretou o padre Bida, um homem sensível dividido entre as exigências da batina e a força do amor. A produção, com 45 capítulos fechados e identidade própria, foi sua estreia no universo das novelas e representou uma etapa fundamental de aprendizado sobre a dinâmica dos sets de televisão.

A passagem pela trama o preparou para os desafios de *Por você*, especialmente no que diz respeito ao ritmo de gravação, ao posicionamento de câmera e ao trabalho simultâneo com diferentes eixos e equipamentos. O teatro também teve papel decisivo nessa formação, ao lhe ensinar sobre intensidade e precisão, ainda que por caminhos distintos daqueles percorridos no audiovisual.

Um corpo político

Fora das gravações, a relação de Rodrigo com o público também passa por uma dimensão que ele considera inseparável do trabalho artístico: a consciência social. Em meio ao processo eleitoral, o ator tornou público seu posicionamento político e defende que a visibilidade conquistada por profissionais da cultura pode ser colocada a serviço de discussões que ultrapassam os limites da vida individual.

“Eu acho que se posicionar enquanto artista também é pensar para além de si mesmo, considerando o bem-estar de uma quantidade maior de pessoas e de um país inteiro, e não apenas no próprio umbigo”, afirma o ator nordestino. “Acho que muita coisa está em jogo nessas eleições, e, para mim, pensar a arte também passa por pensar a sociedade”, conclui.